

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MARCELO COSTA GOMES

**PESQUISA DOCUMENTAL DE MONOGRAFIAS COM A TEMÁTICA
SURDOS/LIBRAS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO UNIFOA**

VOLTA REDONDA

2018

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PESQUISA DOCUMENTAL DE MONOGRAFIAS COM A TEMÁTICA
SURDOS/LIBRAS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO UNIFOA

Artigo apresentado ao Curso de Educação Física do UniFOA como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Aluno: Marcelo Costa Gomes

Orientador: Prof. Me. Andréa Oliveira Almeida

VOLTA REDONDA

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Marcelo Costa Gomes

Pesquisa Documental de Monografias Com a Temática Surdos/Libras do Curso de
Educação Física do Unifoa

Orientador: Prof. Me. Andréa Oliveira Almeida

Banca Examinadora:

Orientador Prof. Me. Andréa Oliveira Almeida

Prof. Me. Rodolfo Guimarães Silva

Prof. Dra. Maria da Conceição Vinciproca Fonseca

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo, a busca da conscientização dos profissionais não só no âmbito da Educação Física, no que diz respeito a inclusão. Trataremos da necessidade da inserção de alunos e cidadãos com necessidades especiais no meio comum, seja ele na escola ou em qualquer outra esfera da sociedade. Apesar da infinidade de grupos especiais que carecem de introdução nos meios sociais, daremos um enfoque maior no grupo dos Surdos passando pelo seu idioma oficial que no Brasil é chamado de Libras – Língua Brasileira de Sinais. Sabendo-se da importância da incorporação desse público na coletividade como um todo, analisaremos também de maneira quantitativa e qualitativa os trabalhos de conclusão de curso dos formandos do Unifoa na disciplina de Educação Física. Diante disso mostraremos qual a importância que tem sido dada a essa temática desde o ano de 2009 até o ano de 2017 e a partir daí mostrarmos se o interesse desses formandos está compatível ou não com a necessidade que esse público detém no âmbito nacional.

Palavras chave: Aluno surdo; Educação Física; Inclusão.

ABSTRACT

This paper aims mainly the search of the awareness of the education professionals, Physical Education, also with regard to the inclusion. It is the necessity of the inclusion of students and citizens with special needs in the common means; this may be at school or in any other field of society. Knowing of the infinity of special groups which need inclusion in the social environments, it is needed, in this paper, a greater focus on the Deaf group, going through its official language, which in Brazil is called Libras – Língua Brasileira de Sinais. Considering the importance of the inclusion of this public in the community as a whole, there is also, in a quantitative and qualitative way, the final papers of the Unifoa's graduates in Physical Education. Therefore, it is questioned, what importance has been given to this theme from the year 2009 to the year 2017? And, from then on, it is shown if the interest of these graduates is compatible or not with the need that this public has in the national scope.

Key words: Deaf student; Physical education; Inclusion

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------|----|
| 1- INTRODUÇÃO ----- | 6 |
| 2- METODOLOGIA ----- | 8 |
| 3- LIBRAS E INCLUSÃO ----- | 8 |
| 4- AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA----- | 12 |
| 5- PESQUISA DOCUMENTAL ----- | 15 |
| 6- CONCLUSÃO----- | 18 |
| 7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS----- | 20 |

1. INTRODUÇÃO

Os ambientes de convivência humana onde se constrói o conhecimento através do aprendizado são naturalmente plurais. Nesse caso, a educação escolar não pode ser idealizada nem realizada senão a partir da ideia de formação integral do indivíduo, segundo suas capacidades e talentos através de um ensino participativo onde existe um teor de solidariedade e de acolhimento (MANTOAN, 2006).

Esse pensamento de Mantoan (2006), nos faz refletir a necessidade de um olhar mais atento no que diz respeito a inclusão escolar. A autora destaca que, em um projeto educacional inclusivo não se pode dispensar o exercício da cooperação e fraternidade diariamente, dando importância também ao valor das diferenças entre os indivíduos.

Assim, podemos destacar inúmeros grupos que necessitam de atenção e um olhar especial nas escolas, uma vez que suas particularidades os impedem de exercer sua plena cidadania quando o ambiente não é inclusivo de acordo com suas necessidades. Aqui neste trabalho, destacaremos uma delas, os Surdos, usaremos o termo “Surdo”, pois o mesmo é a denominação escolhida e considerada adequada pela comunidade surda. Segundo o Censo de 2010 realizado pelo IBGE, 9,7 milhões de pessoas têm deficiência auditiva. Desses, 2.147.366 milhões apresentam deficiência auditiva severa. Cerca de 1 milhão são jovens de até 19 anos.

Os Surdos tem conquistado espaço no cenário inclusivo, embora longe do ideal, por exemplo, o decreto de lei 5626/05, diz que a Libras – Língua Brasileira de Sinais – deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

As Libras representam a fala do indivíduo Surdo. O que chamamos de palavras na língua portuguesa, para os Surdos são chamadas de sinais. São visuais-espaciais, já que os olhos são os seus ouvidos, pois os mesmos necessitam da visão, e

espaciais, pois são feitos no espaço, podendo algum sinal tocar ou não em alguma parte do corpo da pessoa que está sinalizando ou então, podendo também ser feito em algum espaço neutro (ALMEIDA, 2014).

Primeiramente é preciso elucidar dúvidas recorrentes e comuns sobre a Língua Brasileira de Sinais. Entre elas está a ideia de que a mesma é universal, uma vez que essa universalidade está ancorada no pressuposto de que toda língua de sinais é um código simplificado apreendido e transmitido aos surdos de forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo, porém sabe-se que, cada país tem sua(s) própria(s) língua(s) de sinais (GESSER, 2009)

Outra dúvida comum entre os ouvintes, nome esse que é dado aos indivíduos não surdos, é que a língua de sinais nada mais é que o alfabeto manual, também conhecido como soletramento digital ou datilologia. O mesmo é apenas um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua, e sim um código que representa as letras alfabéticas (GESSER, 2009).

Segundo a Lei 10.436/02, entende-se como Língua Brasileira de Sinais, a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visualmotora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

A Lei 10.436 de 24 de Abril de 2002 dispõe:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de

Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Vale destacar que a disciplina de Libras é oferecida na grade curricular dos cursos de licenciatura no Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA em seus cursos superiores desde o ano de 2009, cumprindo assim o que é pretendido em lei.

Mesmo tendo conquistado um reconhecimento no teor inclusivo como dito nos parágrafos anteriores, este trabalho tem como objetivo discutir o interesse dos formandos do Curso de Educação Física do campus de Três Poços do UniFOA desde 2009, ano em que a disciplina de Libras passa a ser obrigatória nos cursos superiores de licenciatura no território brasileiro, até 2017, através de uma análise quantitativa de monografias disponíveis no portal da Biblioteca Central que abordam a inclusão e mais especificamente voltada para Libras e a comunidade surda e assim estabelecer o grau de relevância deste tema.

A importância deste estudo se refere ao reconhecimento de Libras como a segunda língua oficial do nosso País.

Este estudo estará dividido nas seguintes partes: a introdução começa este trabalho, seguindo para Libras e inclusão, passando para as aulas de Educação Física, em seguida a pesquisa documental e a conclusão fecha o trabalho.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa realizada a partir da procura de palavras chaves no acervo da Biblioteca Central do UniFOA. Essa pesquisa foi realizada no período de 11 de Julho de 2018 a 13 de Julho de 2018.

3. LIBRAS E INCLUSÃO

Tão significativo quanto experimentar uma Pedagogia inclusiva na escola é assumir que a inclusão não se refere exclusivamente a pessoas com necessidades

educacionais especiais (CUNHA, 2013). Nos padrões ainda excludentes que se fazem presentes no sistema educacional brasileiro, é preciso um olhar mais metódico que observe o sujeito na sua globalidade, que concorde com a existência de indivíduos cujo todo o seu potencial e limitações sejam lidos por intermédio de uma relação definida entre o eu e o nós (DORZIAT, 2001 apud BAPTISTA, 2007). Isso se refere a toda educação, pois a educação é direito de toda a população, e todos nós, por natureza, somos seres inacabados. Isto nos leva sempre a necessidade de sermos incluídos em algum momento e local. Devemos ter a compreensão de que somos humanamente iguais pois dispomos de diferentes necessidades e sonhos (CUNHA, 2013).

Para que tenhamos a possibilidade de inclusão, há de se respeitar e querer o desenvolvimento do aluno em todos os aspectos da aprendizagem havendo inclusão social e por sua vez respeitando o indivíduo com necessidades especiais, possibilitando aos mesmos a convivência com alunos ditos normais, havendo assim uma troca de experiências, dando à eles condições de aprendizagem e ajustamento na sociedade (ALVES, 2007).

Assim, a educação especial, de acordo com o que a legislação sinaliza, está organizada para receber alunos com necessidades especiais. Mas segundo Cunha (2013), qualquer pessoa à distância, poderia achar existir três tipos de escola: a regular, para alunos sem a necessidade de educação especial; a escola especial, para educandos com necessidades especiais; e a escola inclusiva, que atende sem distinção todos os alunos.

Ao olharmos mais de perto, vemos que atualmente as demandas da educação admitem apenas um tipo de escola: a inclusiva, isto é, todas as instituições de ensino devem ter esse ideário. A escola especial se faz inclusiva quando possibilita ao aluno um preparo para o ensino regular, para sua vida em família e para sua vida na sociedade (CUNHA, 2013).

Sendo assim, a hipótese é de que a sociedade sofra grandes mudanças e evoluções, dizimando de vez com o preconceito, buscando a análise de quais as condições que realmente são indispensáveis à inclusão das pessoas com necessidades especiais na escola, pelo meio de averiguação e dados fidedignos, pois

não basta só existirem as leis, as mudanças devem acontecer tanto no pensar quanto na maneira de agir, visto que a inclusão exige grande transformação no espaço físico, porém a modificação mental é a de maior importância (NOGUEIRA, 2015).

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (Lei nº 9394/96), determina que as crianças “portadoras de necessidades especiais” devem ter sua cidadania no que diz respeito a escolaridade atendida, sobretudo, pela escola regular, de maneira que favoreça a inclusão, todavia, diante da escola no contexto em que vivemos, esse decurso de inclusão, por melhor desenvolvido que seja, tem mostrado dificuldades em sua implantação pela instituição escolar, ou seja, mesmo diante da imposição gerada pela política educacional atual, muitos educandos surdos se encontram fora da escola. Alguns deles estão “incluídos em turmas regulares e obtêm permanência no sistema” (QUADROS, 2006). Merece destaque a terminologia “portadores”, atualmente não a utilizamos mais, nos referimos crianças com necessidades especiais ou crianças com deficiência.

Mesmo que o ingresso à educação já seja universal, alunos fora do arquétipo tradicionalmente considerado apropriado pela escola, ainda continuam sendo excluídos (ALMEIDA, 2014). O enfoque nesse TCC aos indivíduos Surdos, se dá pelo fato de que, ainda de acordo com a mesma autora, os mesmos são encarados como cidadãos de uma minoria linguística, conseqüentemente, se a educação inclusiva pretende acolher as características específicas de cada estudante, cabe uma adequação curricular com uma recomendação em que, conjuntamente à Língua Portuguesa, a Língua de Sinais seja a língua-alvo ao longo de todo o seguimento educativo.

Quando se olha atentamente ao que acontece na escola regular, quando se observa o trabalho com o estudante surdo, nota-se a adesão dessa temática por parte da instituição, à cultura oralista, sem que se pergunte se existem outras alternativas para a educação dos surdos, percebendo-se um completo desconhecimento acerca da causa. Parece haver uma concordância muda, por exemplo, o fato de que, se todos falam, esse aluno também deve falar. Tal conjuntura remete a uma reflexão sobre questões como: Qual o olhar do surdo em relação ao processo de inclusão? Qual concepção da surdez está subentendido a essa postura da escola frente ao aluno surdo (QUADROS, 2006)?

A escola inclusivista, nesse ponto de vista, é compreendida como ambiente de concordância e de tolerância para com os diferentes. A vivência do surdo no dia a dia da escola, junto dos colegas e alunos ouvintes, seria vista como ingrediente integrador. É como se, para o estudante surdo, fosse mais significativo o convívio com os colegas “normais” do que a exclusiva aprendizagem de conteúdos mínimos para a sua viabilidade de integração na sociedade (QUADROS, 2006 apud SOUZA & GÓES, 1999).

De acordo com Dorziat (2011), é notório o desvendar de condutas e ações que consideram ou desconsideram a distinção e alteridade do indivíduo surdo. Para isso, é preciso a busca por interpretar sua atuação em sala de aula e suas representações, isto é, o que era feito nos momentos de ensino-aprendizagem no âmbito de sala de aula e o que era falado pelos envolvidos, apontando elementos que esclareçam as concepções sobre a surdez e currículo.

Por sua vez, para que se tenha inclusão das pessoas surdas, com a finalidade de participação e presença de maneira efetiva na sociedade, sem a inexorável subjugação em que as minorias são expostas, as escolas precisam estruturar-se, considerando as questões educacionais mais extensas, relacionadas à argumentação atual sobre a importância de se determinar propostas pedagógicas para as escolas e, principalmente, especificamente no caso da surdez, tendo como atributo maior a Língua Brasileira de Sinais (DORZIAT, 2011).

Quando se aborda o tema da inclusão, segundo Dorziat (2011), o enaltecimento da Língua de Sinais para a comunidade surda, é um dos pontos primordiais, como possibilidade e alternativa de equidade de condições de se desenvolver entre as pessoas. Todavia, o uso da Libras, apesar de critério básico, não deve ser olhado como uma mágica solução para a inclusão dos surdos na sociedade e para todos os impasses que se manifestam na educação. Além dos elementos de caráter individual, é preciso entender:

(...) os desdobramentos da educação dessas pessoas, no âmbito das discussões da educação como um todo, considerando as esferas mais amplas da sociedade, isto é, a viabilização de um ensino democrático, no sentido de que seja proporcionada realmente igualdade de condições de aprendizagem e atuação social
(DORZIAT, 2011 apud DORZIAT, 1999, p.30)

Por se tratar de uma clientela que merece uma atenção especial, acreditamos que somente incluir Libras nas escolas, apesar de ser um passo importante para a comunidade surda, ainda é preciso mais! É preciso uma modificação nas estruturas escolares, não físicas, arquitetônicas, mas atitudinais. E a Educação Física pode contribuir muito nesse processo, assunto que abordaremos adiante.

4. AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física Escolar se apresentava, até pouco tempo atrás, como modelo de um corpo ou indivíduo forte e saudável, sendo a performance, desempenho e aptidão física importantes e deveriam estar presentes no cotidiano das aulas dessa disciplina, gerando com isso, uma exclusão, pois desprezava quase em sua totalidade aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Isso se dava através da exigida busca pelo alto rendimento em que somente os alunos melhores e capacitados se destacavam, pois estavam inseridos no modelo de corpo e rendimento adequados para esse modelo, sendo assim, alunos com alguma necessidade especial, por exemplo, os alunos surdos, eram deixados de lado pelos ouvintes, causando assim, isolamento da comunidade surda dentro da escola e até na sociedade.

Com o tempo a Educação Física passou a assumir a tarefa de incluir o aluno na cultura corporal do movimento, assim formando um cidadão capaz de produzi-la e transformá-la para que se usufrua de jogos, esporte, atividades rítmicas e práticas de aptidão física em benefício da qualidade de vida (ALVES, 2009).

Assim, a Educação Física dentro da escola, é vista como uma disciplina ou atividade prazerosa que proporciona aos alunos momentos de alegria e prazer. A disciplina, no entanto, não contribui somente na formação de seus alunos em aspectos físicos ou psicossociais, mas também para seu entendimento como um ser humano e um cidadão com seu papel dentro da sociedade, onde nas aulas existe a possibilidade de se auto conhecer e conhecer também o próximo com suas respectivas diferenças. A motricidade ao ser desenvolvida não é apenas demonstrar a evolução no rendimento de habilidades, mas bem mais que isso, significa recrutar melhores

recursos para se relacionar com objetos e pessoas (FERREIRA & DOS SANTOS & DOS SANTOS, 2010 apud FREIRE, 1989).

Já para o profissional de Educação Física, exige-se um perfil onde se constituem competências e habilidades que complementam um indivíduo empreendedor e que demonstra criatividade e compromisso no suporte à formação de um cidadão. Espera-se que o profissional enquanto educador aproprie-se do importante papel no desenvolvimento educacional juntamente com a família, mas exercendo através de sua formação o papel que lhe cabe.

Para isso, de acordo com Alves (2009), aprender e desenvolver capacidades físicas e habilidades motoras não é o bastante, mesmo que tais aprendizagens sejam importantes e necessárias. Dentro dessa aprendizagem, os alunos tomam conhecimento de fundamentos táticos e técnicos de um esporte coletivo por exemplo, mas é preciso também que se aprenda a organizar-se socialmente para a prática do mesmo.

Para essa organização no âmbito social, o professor e os alunos por vezes irão se deparar com diversidades e diferenças entre os discentes sejam elas físicas, motoras, cognitivas ou simplesmente por questões de vivência ou não da prática individual de cada um deles que resulta em deter ou não habilidades específicas desenvolvidas durante suas vidas, ou seja, durante a maior parte do tempo o docente irá se deparar com situações em que a inclusão se faz necessária.

Nesse sentido, o professor de Educação Física tem um papel fundamental. O mesmo deve passar a levar em consideração outros temas que surgem no ambiente e cotidiano da escola possibilitando assim uma intervenção junto a essa diversidade quem que se vivenciam os alunos. Assim, a inclusão se faz primordial para a construção de uma abordagem onde se promova princípios constitucionais, tais quais, direitos respeitados e exercidos, cidadania e dignidade (FERREIRA & DOS SANTOS & DOS SANTOS, 2010).

E esse professor deve estar certo quanto suas capacidades e métodos para que se beire algo necessário para que a inclusão de surdos seja uma realidade praticável. Porém não cabe olhar o professor como um divisor de águas, dotado de perfeição principalmente se tratando de uma área médica com pessoas dependentes

de um olhar especial (FERREIRA & DOS SANTOS & DOS SANTOS, 2010 apud SILVA, 2005).

Assim, durante as aulas, independentemente do conteúdo escolhido, os processos de ensino-aprendizagem devem considerar as individualidades e características dos alunos em todas as suas dimensões, por exemplo, cognitivas, corporal, afetiva e estética, assim garantindo que todos participem independente de que tenham comprometimento motor, sensorial ou cognitivo. Com isso, os alunos desenvolverão suas capacidades de percepção afetiva, de integração e de inclusão, mostrando assim a importância e relevância de se ter alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física que por sua vez, irão desenvolver autonomia e independência. Dessa forma, todos irão ampliar suas relações sociais, com articulação de ideias e atitudes de colaboração (SOLER, 2005).

Quando vivenciada por alunos surdos, a Educação Física possibilita trabalhar sua consciência corporal e por sua vez desenvolver suas habilidades motoras. Do ponto de vista médico, o surdo não possui qualquer restrição física ou cognitiva para a prática de exercícios físicos, pois em seu desenvolvimento motor não existe qualquer tipo de deficiência tal qual um aluno ouvinte (OLIVEIRA & JÚNIOR, 2011).

Para o desenvolvimento motor dos alunos surdos, deve-se seguir um padrão de normalidade, pois esses alunos não apresentam déficit físico estando assim aptos para atividades físicas. No momento em que a surdez é acompanhada de outra deficiência ou de qualquer outro comprometimento, as possíveis restrições à prática de exercícios físicos estará relacionada à esses outros problemas. Agora, se a criança surda tiver oportunidades iguais aos ouvintes de aprender e desenvolver movimentos e participarem ativamente das aulas, suas habilidades motoras e valências físicas serão equivalentes à de seus colegas de mesma faixa etária. Quando isso não ocorre, certamente sofrerão atrasos nessas habilidades pois dentro de iguais oportunidades, os índices de condicionamento físico de alunos surdos se comparado aos ouvintes, não apresentam diferenças significativas (OLIVEIRA & JÚNIOR, 2011 apud RODRIGUES, 2007).

Diante de tal parâmetro o professor deve pautar suas aulas dentro de um ponto de vista amplo no que diz respeito às atividades por ele desenvolvidas usando as mais

variadas práticas como por exemplo a danças, ginástica, natação e atividades recreativas sempre de caráter lúdico. Segundo Oliveira e Rodrigues (2011) apud Bueno e Resa (1995), as atividades propostas devem explorar a corporeidade, lateralidade, coordenação motora, equilíbrio, noção espaço temporal entre outras qualidades físicas básicas e também a socialização.

Outro ponto também importante, é que o professor faça adequações às regras na hora de se praticar atividades que já tenham regras estabelecidas tais como os desportos ou outras atividades utilizando de recursos que estimule a participação de todo o grupo fazendo da aula de Educação Física um exercício de convivência, em que os alunos aprenderão a construir e desenvolver uma sociedade sem discriminação e com atitudes de solidariedade, respeito e aceitação, não havendo mais lugar para preconceito e exclusão (SOLER, 2005).

Ainda segundo Soler (2005), o professor de Educação Física tem como papel na inclusão, intermediar novos aprendizados, mostrando para eles o novo e o desconhecido, pois diante de tal desafio, o conhecimento tende-se a ser mais bem assimilado pelo aluno, idealizando os recursos motores e mentais que possuem sempre dando ênfase ao lúdico, avançando assim ainda mais no aprendizado, já que, o que prende uma criança ouvinte ou surda a uma atividade física, é simplesmente a diversão e o prazer de brincar (SOLER, 2005).

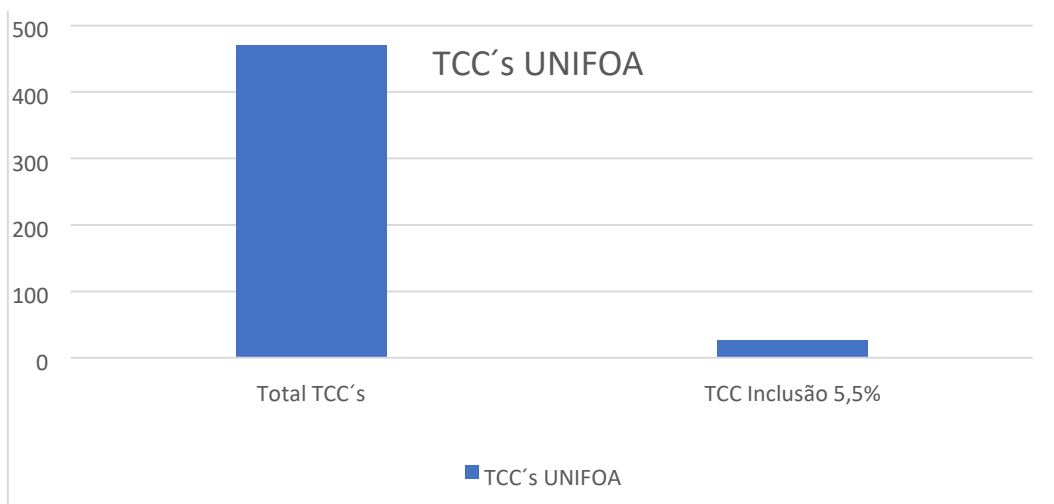
Diante de tal exposto, pode-se dizer que para um melhor entrosamento do aluno surdo com seu professor, é de suma importância que esse profissional conheça a Língua de Sinais, com isso um vínculo afetivo e de segurança se estabelecerá fazendo assim com que o aluno se torne confiante para transitar no meio escolar e por consequência no meio social que o espera na sua vida pósacadêmica.

5. PESQUISA DOCUMENTAL

A disciplina de Libras passou a ser obrigatória nos cursos de licenciatura, assim como nos cursos de magistério no ano de 2009 em todo o território nacional. O Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA submetendo-se ao que é aspirado pela lei,

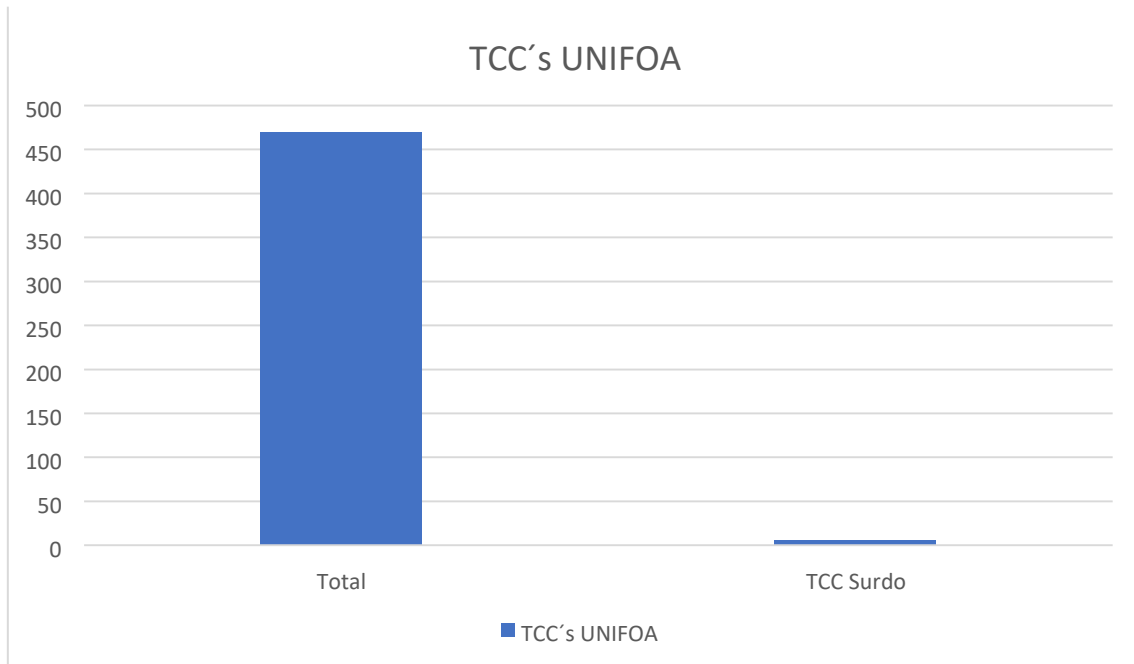
oferece em sua matriz curricular, a disciplina de Libras, a partir daí, analisamos de maneira quantitativa os trabalhos de conclusão de curso que abordaram não somente esse tema, mas a inclusão em geral desde 2009, acreditando que a inserção de uma disciplina em que se trabalha um grupo especial mesmo que específico, possa ter impulsionado os graduandos a se interessar por temas que abordam a inclusão, porém como dito durante o desenvolvimento desse trabalho, o mesmo dará enfoque no que diz respeito aos surdos.

Essa pesquisa foi realizada no período de 11 de Julho de 2018 a 13 de Julho de 2018. No acervo da Biblioteca Central do campus Três Poços, encontramos em sua versão online 470 (quatrocentos e setenta) trabalhos entre monografias e TCC's oriundos do curso de Educação Física desde o ano de 2009 até o ano de 2017, ano esse em que se formaram as últimas turmas do curso. Desse total, 26 (vinte e seis) abordaram temas em que se pautava a inclusão de grupos especiais dos mais variados tipos, tais como: surdos, autismo, síndrome de down, transtorno do déficit de atenção e hipertatividade - TDAH, cegos, deficientes físicos entre outros. Esse número corresponde a aproximadamente 5,5% do total de monografias.

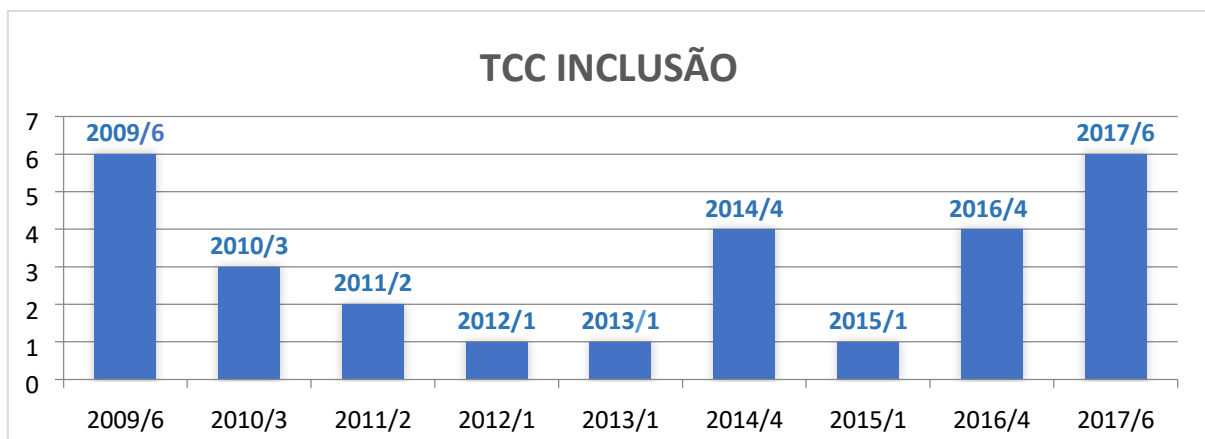


Desses 26 (vinte e seis) apenas 6 (seis) abordaram o tema inclusão dando enfoque no público surdo. Esse número significa que a temática “alunos surdos” e “Libras” foram lembrados em 23% dos trabalhos que usaram a inclusão como tema. Ao compararmos em termos quantitativos os TCC's que articularam sobre a Língua

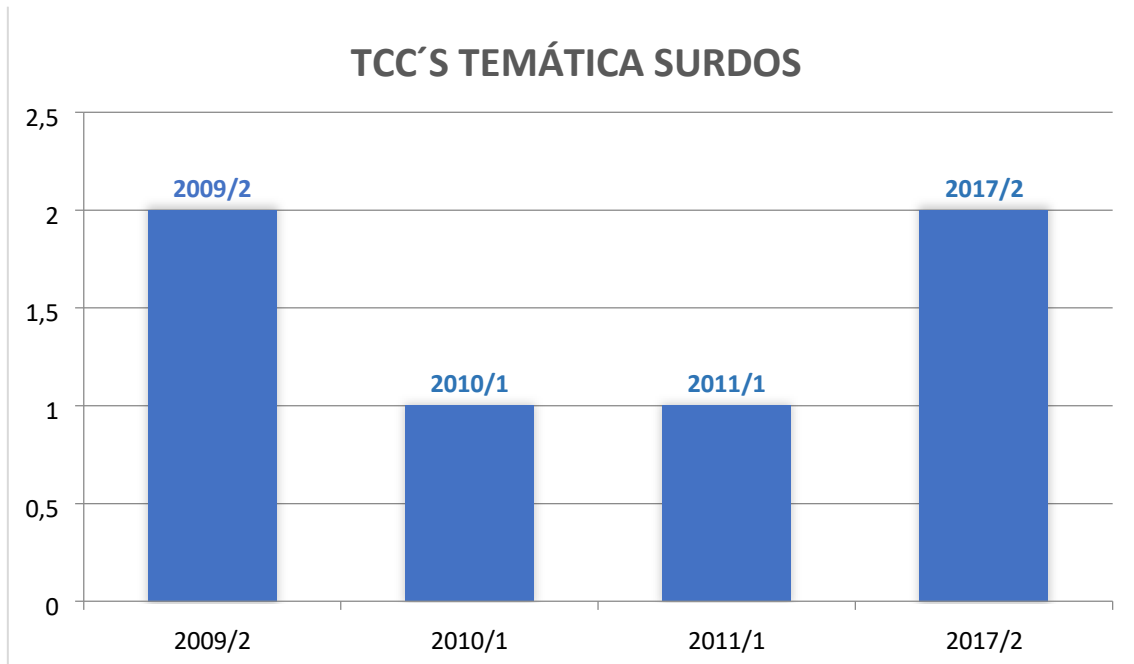
de Sinais e seu público em relação ao total de monografias, chegamos a números ainda menos expressivos, apenas 1,2% do total de 470 discutiram esse tema no decorrer de suas páginas.



Os anos de 2009 e 2017 tiveram 6 (seis) dos seus trabalhos falando de inclusão, sendo os dois anos que mais abordaram essa temática. Desses 6 (seis) trabalhos feitos em cada um desses dois anos, apenas 2 (dois) focaram suas atenções para o coletivo surdo. O restante dos anos foi bem inferior, como podemos ver no gráfico a seguir.



No próximo gráfico é possível verificar somente os anos em que foram produzidos trabalhos com a temática dos surdos:



CONCLUSÃO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2017, a população brasileira já passa dos 207 milhões de habitantes, nos quais aproximadamente 10 milhões têm deficiência auditiva, ou seja, do total da população que reside em todo território nacional 4,8% são surdos, o que é muito se compararmos com o 1,2% de monografias do acervo da Biblioteca Central do UniFOA, que abordaram esse tema.

O baixo interesse pelos formandos em Educação Física do Unifoa, não só pelo coletivo dos surdos mas também pela inclusão em geral, é apenas um reflexo do que acontece em toda a extensão do país, pois existe uma baixa aplicabilidade das leis que deveriam submeter as instituições a trabalharem a inclusão em seus processos de aprendizagem e convivência, o que atesta mais uma vez que mudanças estruturais, que são sim importantes, não se fazem suficientes na tentativa de inclusão mas, como

já dito nesse trabalho, seria ainda mais significativo uma mudança de postura que de certo a partir dela, o interesse de graduandos do ensino superior gradativamente se ampliaria que por sua vez ao se formarem, fariam parte de um grupo cada vez maior de pessoas que participariam também desse processo de conscientização de alunos no que diz respeito a conviver em avença com o diferente.

A educação física é muito ligada ao movimento, e quando se pensa em deficiência, vai mais para o deficiente físico, porém ao atrelarmos, de maneira correta, a educação física ao bem estar social e cognitivo além do físico, o número vem crescendo com a ajuda da disciplina, devido a Lei e a grande divulgação acerca da Libras hoje em dia. Mudança essa que englobaria a sociedade como um todo, pois consideramos que cada ser humano é único dentro de sua individualidade e que todas as pessoas em algum momento de suas vidas lidaram com situações em que sentiram fazendo parte de uma minoria por não ter o domínio seja ele, físico, cognitivo ou apenas de um conhecimento em que não se estava familiarizado em dado instante de suas trajetórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Andréa Oliveira. **A inclusão escolar do aluno surdo: mudando o enredo da história.** 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado) Fundação Oswaldo Aranha, Centro Universitário de Volta Redonda. Volta Redonda/RJ: 2014.
- ALVES, Fátima. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio** – 3ª. ed./- RJ: Wak Editora, 2007.
- ALVES, Monique Graciane Lacerda. **Educação Física Escolar: inclusão de deficientes auditivos no ambiente escolar e social.** Trabalho de Conclusão de Curso Fundação Oswaldo Aranha, Centro Universitário de Volta Redonda. Volta Redonda/RJ; 2009.
- CUNHA, Eugênio. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade** – 3.ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.
- DORZIAT, Ana (organizadora); ALVES, Edneia de Oliveira; FARIA, Evangelina Maria Brito de; SOARES, Filipe Paulino; ARAÚJO, Joelma Remígio de; BATISTA, Marie Gorelt Dantas de A. e M.; LIMA, Niédja Maria Ferreira de; MONTEIRO, Regina de Fátima F. V.; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima e PORTO, Shirley Barbosa das Neves. **Estudos Surdos: diferentes olhares.** Porto Alegre: Mediação, 2011.
- FERREIRA, Adriano Magno; SANTOS, Daniel Ferreira dos; SANTOS, Nayara Souza dos. **A inclusão de surdos às aulas de Educação Física escolar e o papel do professor de Educação Física nesse processo.** Trabalho de Conclusão de Curso Fundação Oswaldo Aranha, Centro Universitário de Volta Redonda. Volta Redonda/RJ: 2010.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** 2. ed. – São Paulo, 2006.
- NOGUEIRA, Danielly de Almeida. **A comunicação através da Libras nas aulas de Educação Física.** Trabalho de Conclusão de Curso Centro Universitário Geraldo Di

Biase, Fundação Educacional Rosemar Pimentel Instituto Superior de Educação; Barra do Pirai/RJ: 2015.

OLIVEIRA, Grazielle Aparecida de; JÚNIOR, Wallace José Chicarino Oliveira. **A inclusão dos surdos nas aulas de Educação Física escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso Fundação Oswaldo Aranha, Centro Universitário de Volta Redonda. Volta Redonda/RJ: 2011.

QUADROS, Ronice Muller de. **Estudos surdos I** – [Petrópolis, RJ] : Arara Azul, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **Estudos surdos III** – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2008.

SOLER, Reinaldo. **Educação física inclusiva na escola: em busca de uma escola plural.** Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php

<https://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/08/populacao-brasileira-passa-de207-7-milhoes-em-2017>